

MIGRANTES, FRONTEIRA, COMÉRCIO E RELIGIÃO: TERMOS PARA A FÉ

Marco Aurélio Machado de Oliveira

Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal, no curso de Licenciatura em História e no Mestrado em Estudos Fronteiriços.
marco.cpan@gmail.com

&

Davi Lopes Campos

Licenciado em História e Mestre em Estudos Fronteiriços.
daviccampos@gmail.com

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. & CAMPOS, Davi Lopes. Migrantes, fronteira, comércio e religião: termos para a fé. *albuquerque* – revista de história. vol. 6, n. 12. jul.-dez./2014, p. 87-105.

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a presença de migrantes bolivianos oriundos da Chiquitania na fronteira entre Brasil e Bolívia, envolvendo as cidades de Corumbá e Puerto Quijarro. Os estudos foram desenvolvidos buscando entender as motivações para a saída desse grupo de migrantes, bem como as formas como reconstruem as sociabilidades através do comércio. Para tanto, foram realizados trabalhos de campo na cidade de San Jose de Chiquitos, além das fronteiriças já mencionadas, utilizando de recursos metodológicos que foram desde as abordagens tipo “bola de neve” até alguns traços de etnografia. Analisa, ainda, traços religiosos do local de origem e as vicissitudes que estão sujeitos a partir da inserção desses grupos de migrantes nas dinâmicas comerciais tipicamente de fronteira.

Palavras-chave: Migração. Fronteira. Bolívia. Comércio. Religiosidades.


Abstract: This article aims to analyse the presence of Bolivian migrants of the Chiquitania, on the border between Brazil and Bolivia, with the participation of the cities of Corumbá and Puerto Quijarro. The studies were developed in order to understand the reasons for the departure of this group of migrants, as well as the forms in the reconstruction of the sociability through trade. For this, the field work was conducted in the city of San José de Chiquitos, in addition to the former border, using methodological resources which were of the type “snowball” for some traits Ethnography approaches. It also examines the religious features of the place of origin and the events that are the subject of the integration of these groups of migrants in the dynamics of trade normally border.

Key-words: Migration. Border. Bolivia. Trade. Religiosity.

Significar é estabelecer relações.

Claude Lévi-Strauss

Introdução

e acordo com Claude Raffestin¹, o espaço é apropriado, concreta e simbolicamente. Tal apropriação se dá por várias vias, em especial, as sociais e políticas. Isso ocorre, também, quando tratamos do espaço fronteiriço. A fronteira em seu sentido mais comum está ligada ao preconceito por sua condição de margem, portanto, marginal a uma nação, decorrente de questões históricas e políticas. É um local no qual se pode assinalar a negatividade, atribuída por diversos fatores como o ilícito, a clandestinidade, a miscigenação, entre outros. Não é, apenas, a capacidade do homem em criar suas representações, bem como a função na segurança nacional ou a agenda negativa que tornam a fronteira fascinante, impar e, acima de tudo, mágica. São seus ritos, seus símbolos, seus habitantes e suas instituições, próprios de fronteira, que dão a ela seu caráter de ponto estratégico. Trata-se de suas peculiaridades e suas criações sociais que a colocam em destaque, e por ser borda, ou a parte mais necessitada de interpretações, em todos os aspectos - econômicos, sócio-político, etc. - é sempre intrincada com o imigrante de fronteira: suas condições e contradições².

Neste estudo o espaço em debate será o das cidades de Puerto Quijarro e Corumbá, na fronteira Bolívia-Brasil. Nosso interesse está no entendimento da construção da trajetória do migrante em direção àqueles lugares. O local de partida nos interessa tanto quanto o de chegada, porque ao se estabelecer em outro espaço, o

¹ RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

² OLIVEIRA, M. A. M. **O mais importante era a raça: Sírios e Libaneses na política em Campo Grande, MS**. São Paulo: USP: F.F.L.C.H., Tese de Doutorado, 2001.

migrante, por mais que tente, não consegue se despir da história de sua migração, que inclui: os motivos, as decisões compartilhadas, as expectativas, as frustrações, os compromissos, ou não, com quem ficou. Estudamos, portanto, o migrante boliviano fronteiriço e seus lugares de origem.

Nos estudos de fronteira, aspectos metodológicos revelam-se desafiadores, principalmente, pela sua genética multidisciplinar, demonstrando toda a grandeza do tema. Não haver uma metodologia específica significa, por um lado, um problema, pois obriga o estudioso a aceitar o imprevisto, e, por outro, implica em uma solução, por não permitir receituários, tão comuns nos estudos acadêmicos atuais.

Dois traços metodológicos merecem considerações: os pressupostos generalizantes e a bibliografia. Ou seja, enquanto o primeiro deva ser evitado, o segundo tem que estar presente em todas as etapas da investigação. Exemplo disso está na assertiva: o mais severo problema que motiva o deslocamento de grupos de chiquitanos para fora de seu lugar é o fator econômico. Porém, esse pressuposto é generalizante, o que revela a necessidade de que a observação do investigador esteja preparada para as particularidades e suas conseqüentes novidades. Desta forma, entender o processo migratório perpassa de imediato num reconhecimento de suas enormes complexidades, em especial nos momentos que antecedem à saída: decisão, compartilhamento e preparo para o deslocamento. Neste aspecto é importante salientar que os estudos sobre migrações estarão balizadas por estudos antropológicos, que visam tratar o indivíduo sob a ótica do fenômeno ao qual ele está inserido.³

Devemos fazer algumas observações sobre a bibliografia que tivemos acesso a respeito desse tema. A partir dos anos 2000 foram realizadas pesquisas que resultaram em dissertações e teses, disponíveis eletronicamente. Porém, neste tipo de literatura, o entendimento sobre os povos chiquitanos, mesmo quando o assunto é a presença em região de fronteira, desconsidera a perspectiva da região de fronteira⁴. O recorte dos estudos limita-se aos sujeitos de pesquisa, desconsiderando a fronteira como categoria de análise e investigação.

Da mesma maneira ocorre com a literatura publicada na Bolívia, a qual merece algumas ponderações. Em diversas obras pudemos encontrar farto material informativo

³ SAYAD, Abdelmalek. **A migração**. Trad. de Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

⁴ SILVA, G. J. **A Presença Camba-Chiquitano na Fronteira Brasil-Bolívia (1938 - 1987): identidades, migrações e práticas culturais**. Goiânia: UFG, Tese de Doutorado, 2009. SOUZA, A. L. M. **A História dos Chiquitanos: (re) configurações sociais e territoriais**. Brasília: UnB, I.C.S. Dissertação de Mestrado, 2009.

sobre a História do país, em geral, e da Chiquitania, em específico. Contudo, tais informações esbarram em dois sérios problemas, uma vez que se limitam ao informacional pontual e factual⁵; quando os autores inclinam-se à realização de interpretações sobre os objetos que estão sendo avaliados, suas opiniões estão mergulhadas no perfil apologético⁶.

Devemos ressaltar que, para efeito deste estudo, consideramos migrante aquele que se mudou de outro lugar da Bolívia e trabalha em cidades bolivianas na fronteira com Brasil. Fruto de profundos desequilíbrios nas relações internas, as correntes migratórias na Bolívia se constituem em um problema de dimensão continental. Segundo a Organização Internacional para as Migrações, aquele país tem experimentado há alguns anos a emigração através de números bastante expressivos, chegando a 3% de sua população ao ano⁷. E, embora não seja propósito principal desta pesquisa aprofundar os motivos do estabelecimento dessas correntes, é importantíssimo avaliá-las tendo como base alguns estudos preliminares⁸. Entendemos que fronteira possui lógica própria, que termina por diferenciá-la das lógicas existentes nos demais espaços da nação. Sua grande diferenciação é a existência do fronteiriço, sujeito que constrói as relações interpessoais, ou não, e estipula o ambiente de sua vivência⁹. Desta presença do fronteiriço, desde as mais altas esferas governamentais até o mais íntimo dos espaços urbanos, a residência, emana as formas de relacionamento. Mesmo reconhecendo que ainda não exista uma teoria geral para as fronteiras, percebemos que, nas que se refere ao Brasil, isso é uma constante.

⁵ MESA, José de; GISBERT, Teresa & MESA, Carlos D. Gisbert. *Historia de Bolívia*. 6 ed. La Paz: Editorial Gisbert, 2007.

⁶ JUSTINIANO, Oscar T. *Reseña Histórica, Social y Económica de La Chiquitania*. Santa Cruz de La Sierra: s/e, 2004.

⁷ ORGANIZACION INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES. *Perfil Migratório de Bolívia*. Buenos Aires: OIM, 2011.

⁸ SOUCHAULD, S. Algumas considerações sobre a migração internacional transfronteiriça a partir do caso da migração boliviana em Corumbá, MS. In: OSÓRIO, A. C. N., PEREIRA, J. H. V. & OLIVEIRA, T. C. M. (orgs.). *América Platina Educação, Integração e Desenvolvimento Territorial*. Campo Grande: Editora da UFMS, Volume I, 2008, pp. 13-37.

⁹ OLIVEIRA, M. A. M. *O mais importante era a raça: Sirios e Libaneses na política em Campo Grande, MS*. Op. Cit.

1. Fronteira e Imigração.

O tema migração traz consigo uma gama muito grande de complexidades, uma vez que envolve problemas de diversas naturezas, incluindo os relacionamentos nacionais e internacionais. De maneira quase imediata, sua associação com as temáticas do trabalho e da fronteira tangencia as vidas das sociedades que acolhem esses estrangeiros e obriga as autoridades nacionais e locais a agirem, quase sempre de forma inadequada e improvisada¹⁰. Quando associados, os temas: migrante, trabalho e fronteira são, via de regra, reveladores do despreparo dos agentes governamentais.

Os migrantes são, por excelência, sujeitos de transformação, especialmente do local de destino, uma vez que ao se deslocar de sua terra natal, por qualquer motivo, o fato é que isso ocorreu como um ato de solução para problemas que os impediram permanecer. Desta forma, motivações de ordem política, econômica, religiosa ou até mesmo estritamente particular, são trazidas juntamente com eles, impregnando as relações que se formarão no local de chegada¹¹. Portanto, sua saída é um dos mais importantes componentes para entender os migrantes e as formas com que eles se relacionam na sociedade que os acolheu¹².

Neste estudo teremos como preocupação central as motivações para a saída da terra natal por parte dos bolivianos chiquitanos, e abordaremos tais motivações com seus desdobramentos ligados às relações religiosas no âmbito do trabalho. É neste sentido que buscaremos entender a importância política e religiosa na motivação da saída e no estabelecimento de parâmetros de convivência em uma cidade que, ao mesmo tempo, é fronteira, Puerto Quijarro, e vizinha de outra que é possuidora de larga trajetória de recepção de imigrantes, Corumbá. Ou seja, em uma fronteira que construiu sistemas de interações entre nacionalidades de graus variados¹³.

É possível tratar essas estratégias de deslocamentos, de busca de melhores condições de vida como territorialidades. Raffestin define a territorialidade numa condição dinâmica tendo seus elementos suscetibilidade para mudanças no tempo pela ação de fatores como disponibilidade de tecnologia, política, econômica, social, cultural etc. Nas suas palavras, é “[...] um conjunto de relações que se originam num sistema

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ JARDIM, Denise F. (org.) **Cartografias da imigração: interculturalidade e políticas públicas**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007.

¹² SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**. Op. Cit.

¹³ OLIVEIRA, T. C. M. **Uma Fronteira para o Pôr-do-sol**. Campo Grande, Editora da UFMS, 1998.

tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema”¹⁴.

Edgar da Costa acrescenta que a territorialidade pode ser entendida:

[...] como uma ação individual, de um grupo, uma empresa ou um Estado sobre determinado espaço geográfico impondo suas vontades, suas virtudes. Não é necessário o domínio físico do território, mas sua submissão. Nesse sentido, essas territorialidades atravessam frequentemente outros territórios provocando distúrbios de variadas grandezas, mesmo nas zonas fronteiriças¹⁵.

A territorialidade é produzida, ao mesmo tempo, pela vontade individual e coletiva (indivíduos, empresas, Estados, etc). Não se trata de uma ação particularizada, única, mas de uma estratégia híbrida. Contudo, vale destacar o apontado por Edgar da Costa:

[...] mesmo uma ação individual não é unicamente particular, já que o indivíduo carrega a herança histórico-cultural da sociedade da qual faz parte e das ideologias do Estado, do capital, das igrejas, crenças, mitos, enfim, o indivíduo é sempre uno e múltiplo, concomitantemente¹⁶.

Híbridas, também, são as relações na fronteira. A fronteira é formada a partir de áreas contíguas de dois territórios nacionais, formando o que se vem denominando zona de fronteira, área de fronteira, franja fronteiriça, dentre outras denominações que remetem a um espaço repleto de relações sociais de convivência e de produção. Por isso, se diferencia de limite que é pontual – uma linha traçada nos mapas que se materializa nas aduanas, postos de fiscalização e nos marcos.

Na fronteira estão presentes os relacionamentos, os fluxos, os câmbios. Dessa forma, o estudo recai sobre o entendimento de fronteira como vivida que em conformidade com Ricardo Nogueira¹⁷:

¹⁴ RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Op. Cit., p. 160-161.

¹⁵ COSTA, Edgar Aparecido da. Ordenamento territorial em áreas de fronteira. In. COSTA, E.A; OLIVEIRA, M.A.M. (orgs.). *Seminário de estudos fronteiriços*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2009, p 65.

¹⁶ *Ibidem*, p. 66.

¹⁷ NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: Espaço de referência Identitária? *Revista Ateliê Geográfico*, v. 1, n. 2, dez/2007, p. 52.

[...] significa captar a compreensão e o relacionamento que os habitantes deste lugar possuem com o mesmo. Incorporando esta condição particular ao seu cotidiano, vivenciando a condição fronteiriça nos seus mais variados aspectos- lazer, trabalho, contravenção, consumo, defesa, disputa, amor, reconhecendo que o outro lado ‘tem outra lei’, podemos afirmar que esta fronteira é capaz de refletir o grau de interação ou ruptura entre sociedades fronteiriças, merecendo, assim, do Estado-nacional ações derivadas daquele relacionamento.

A fronteira será entendida, ainda, na perspectiva dos ensinamentos de Milton Santos como porosa do ponto de vista dos fluxos humanos¹⁸. Não significa, porém, que não existam discriminações culturais, sociais, econômicas na relação com o outro. Ao contrário, elas estão presentes, apesar de pouco visíveis materialmente. Nessa fase do meio técnico-científico-informacional.

Adotamos a compreensão de que fronteira e limites não são sinônimos, nem no sentido político. Seguindo esse caminho, muito importante é observar a distinção entre ambos:

A fronteira está orientada “para fora” (forças centrífugas), enquanto os limites estão orientados “para dentro” (forças centrípetas). Enquanto a fronteira é considerada uma fonte de perigo ou ameaça porque pode desenvolver interesses distintos aos do governo central, o limite jurídico do estado é criado e mantido pelo governo central, não tendo vida própria e nem mesmo existência material, é um polígono. O chamado “marco de fronteira” é na verdade um símbolo visível do limite. Visto desta forma, o limite não está ligado a presença de gente, sendo uma abstração, generalizada na lei nacional, sujeita às leis internacionais, mas distante, frequentemente, dos desejos e aspirações dos habitantes da fronteira. Por isso mesmo, a fronteira é objeto permanente da preocupação dos estados no sentido de controle e vinculação. Por outro lado, enquanto a fronteira pode ser um fator de integração, na medida que [sic] for uma zona de interpenetração mútua e de constante manipulação de estruturas sociais, políticas e culturais distintas, o limite é um fator de separação, pois separa unidades políticas soberanas e permanece como um obstáculo fixo, não importando a presença de certos fatores comuns, físico-geográficos ou culturais¹⁹.

¹⁸ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

¹⁹ MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras, redes. In: T.M.Strohaecker, A.Damiani, N.O. Schaffer, N.Bauth, V.S.Dutra (org.). *Fronteiras e espaço global*. Porto Alegre: AGB-Porto Alegre, 1998, p. 42.

Entendemos aqui os limites como resultado da construção do Estado-nação na modernidade. Ou seja: associado à formação do capitalismo, o limite sempre foi uma expressão do mercado e da política, portanto, é nos limites estatais que se embarça um dos elementos mais complicados de sua existência: naquele lugar coabitam pessoas de origens distintas, denominadas como “nacionais” e “estrangeiros”:

El Estado nacional ha sido el producto más típico de la modernidad y del capitalismo liberal-burgués en tanto esfera de influencia de los mercados locales frente al mercado mundial siempre presente y espacio en el que se producían y se reproducían las identidades correspondientes asumidas como identidades “nacionales”. Sin embargo, éstas se construyeron sobre las bases de un criterio de mercado y control territorial, más que sobre la de uno o varios rasgos afines a las comunidades insertas en las fronteras establecidas por los estados nacionales. Esto tuvo como consecuencia que un gran número de particularismos culturales propios de comunidades “minoritarias” tuvieran que ser marginadas obligándoseles a una integración económica, política y cultural en tanto se consolidaba el aparato de Estado como un núcleo monopolizador de la fuerza coactiva y legítima²⁰.

Considerando que a modernidade criou o sentido atual das fronteiras interestatais como decorrência da existência de limites criados e legitimados, ou não, pelos organismos de Estado, é lúcido entender que as relações ali existentes são permeadas pelas diferenças entre essas nações e seus nacionais. Assim, se a existência de limites estatais tem como uma de suas funções a de subordinar as ações da vida fronteiriça a si, esta se encarrega de assimilar, da maneira que lhe é permitido, as adaptações que lhe interessam. Ou seja: a vida fronteiriça está, ao menos em grande parte, regulada pelas esferas nacionais que a envolvem e estipulam as normas, leis e regras que farão e darão sentido de nacionalidade aos habitantes. Dessa forma, e considerando que a vida fronteiriça é composta por pelo menos dois Estados, as relações entre esses, em todas as suas esferas, definirão, ao menos parcialmente, aquilo que se identifica como vida fronteiriça. Em outras palavras, a fronteira é prenhe das consequências da existência dos limites e das relações entre os países que a compõem.

²⁰ BRENNAN, J. E. De la Frontera Nacional a la Frontera Pluricultural. *Frontera Norte*, Vol . 22, Núm .44, Julio-Diciembre de 2010, pp. 267-268.

Desta forma, entender a presença de migrantes, elemento constituinte da vida fronteiriça, pode contribuir na formulação de ideias mais bem elaboradas sobre as fronteiras em geral, e a que envolve este estudo, em específico.

2. Vocações internacionais

Após diversas análises sobre a fronteira envolvendo as cidades de Corumbá e Ladário, no Brasil, e Puerto Quijarro e Puerto Suarez, na Bolívia, pudemos notar que, embora não possuamos dados estatísticos pormenorizados, grande parte da população nas cidades bolivianas é constituída de migrantes de origens das mais variadas. Notamos, também, que ali o fluxo migratório ganhou em intensidade nas últimas três décadas. Contudo, observamos semelhanças e diferenças na construção do ambiente fronteiriço em ambos os lados da fronteira, sendo que o mais marcante foi constatar que foram constituídos a partir da chegada de migrantes nacionais e estrangeiros.

Somada, a população daquelas quatro cidades, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto Nacional de Estadística (INE), gira em torno de 160.000 habitantes, sendo aproximadamente 45.000 do lado boliviano. E, nessas localidades, vivem, trabalham e casam, construindo complexos níveis de envolvimento com as sociedades locais. Isso é perceptível tanto entre os migrantes mais antigos até os mais recentes. Porém, tal nível de envolvimento foi construído historicamente e sobre isso precisamos refletir.

Sendo parte da Bacia Platina, após a Guerra do Paraguai (1864-1870), Corumbá tornou-se importante centro atrativo de estrangeiros. Para ali se deslocaram imigrantes de diversas nacionalidades, como: italianos, portugueses, espanhóis, franceses, sírios, libaneses entre outras, atraídos pelo comércio internacional instalado após aquele conflito. A partir dos anos 1950, Corumbá experimentou um ciclo de desenvolvimento econômico impressionante, com a instalação de diversas indústrias, cujos proprietários eram, predominantemente, imigrantes²¹. Aqueles anos foram muito importantes para a construção daquilo que denominamos por espaço fronteiriço, pois o dinamismo trazido pela construção da ferrovia em direção à Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, intensificou a construção de relações com os vizinhos bolivianos, uma vez que foi decorrente disso o aumento das correntes migratórias.

²¹ OLIVEIRA, M. A. M. **O mais importante era a raça: Sírios e Libaneses na política em Campo Grande, MS.** Op. Cit.

Em levantamento prévio junto a diversos desses imigrantes, conforme foi possível observar, muitos vieram daquele país para trabalhar nas obras da ferrovia, mas, também, para ocupar-se em outras tarefas no comércio, serviços e construção civil. Ressalta-se que a imensa maioria dos trabalhadores bolivianos que ali vivem compunha-se de chiquitanos, oriundos de San José de Chiquitos, San Ignacio de Velasco e de Roboré, principalmente²². Essa nova fase da história das correntes imigratórias em direção a Corumbá trouxe diversos desdobramentos, como a aproximação entre diferentes nacionais, expressa pelo matrimônio, por exemplo.

A história da presença boliviana naquela fronteira teve início com a fundação de Puerto Suarez, em 1875, por Miguel Suarez Arana. Contudo, durante décadas o *pueblo* foi relegado ao abandono por parte do governo boliviano, sem adquirir maiores importâncias na constituição da vida fronteiriça, mesmo estando próximo a Corumbá. Só nos anos 1950, após a construção daquela ferrovia se iniciou um novo ciclo na história daquela localidade. Destacamos o estabelecimento de El Carmen, primeiro assentamento rural naquela fronteira, porém, sem maiores impactos na produção rural e com população bastante diminuta, até a atualidade²³. Ao final daquela década, surgiram duas localidades que se tornaram as mais importantes do lado boliviano na atualidade: Arroyo Concepción e Puerto Quijarro, tendo a primeira se tornado distrito da segunda, até a atualidade. Diferentemente de outros lugares, a vida fronteiriça em estudo, em sua porção boliviana, não nasceu nem agrária nem para atender demandas de segurança nacional, mas, sim, para absorção de mão-de-obra, seja para a construção da ferrovia, seja para o comércio. Neste aspecto é importante salientar que, a partir dos anos 1970, Puerto Quijarro foi inserida na rede internacional do comércio²⁴, passando a vender os mesmos produtos encontrados, por exemplo, em Ciudad de Leste e Pedro Juan Caballero, no Paraguai: bebidas, eletrônicos, roupas, calçados, etc.

Tal inserção no comércio internacional fez com que a demografia da região fosse bastante alterada. Segundo dados do INE a população de Puerto Quijarro cresceu na ordem aproximada de 50% entre os anos 1990 e 2001. Começaram a surgir traços mais significativos de vida urbana como centros de saúde, escolas, policiamento ostensivo, entre outros, com o objetivo claro de organizar o espaço para aquela inserção.

²² SILVA, G. J. **A Presença Camba-Chiquitano na Fronteira BRASIL-BOLÍVIA (1938-1987):** identidades, migrações e práticas culturais, Op. Cit.

²³ Ibidem.

²⁴ OLIVEIRA, T. C. M. **Uma Fronteira para o Pôr-do-sol**, Op. Cit.

Não podemos esquecer, contudo, de um dado muito importante: a mudança no perfil de migrantes em direção àquela fronteira. Se antes havia predomínio de chiquitanos, desde os anos 1990 vem ocorrendo incidência maior de oriundos de outras localidades, principalmente do altiplano boliviano, principalmente de La Paz e Oruro, atraídos pela prosperidade que a região vem experimentando. Esses paceños e orureños deram outras conotações à vida fronteiriça, comparados aos chiquitanos. E, isso trouxe consequências, porque há outros componentes que chamam a atenção quando se estuda os movimentos migratórios na Bolívia, e um deles é o fator étnico. A Bolívia possui fendas que aparentam ser intransponíveis nas lutas entre etnias, e que ganham contornos políticos de expansões incalculáveis. Até mesmo uma geografia dessas etnias tornou-se complicada de ser realizada, uma vez que, à primeira vista, as disputas entre Kambas e Collas, principais representações dessas fendas interétnicas, se localizariam em um espaço definido e delimitado entre o alto e médio plano andino. Porém, escaparam a isso e dirigiram-se para o espaço político de dimensões nacionais²⁵.

E, nesta fronteira em estudo, que vêm vivenciando sucessivas taxas de crescimento demográfico nos últimos anos, nota-se a predominância de migrantes do altiplano e do médio plano bolivianos, trazendo consigo todas as experiências pregressas e expectativas futuras, tendo que conviver com migrantes mais antigos, com experiências e expectativas distintas. Disso resultam novas ordens na organização do espaço fronteiriço em questão, redefinindo o papel de cada etnia nas relações econômicas, uma vez que os chiquitanos se denominam Kamba e os que vieram do alto e médio plano, de Collas. Esses migrantes chegando às cidades de fronteira não apenas criam novos parâmetros de convivência e de sociabilidades²⁶, eles estão, também, sujeitos a diversas adequações para o exercício que a prática comercial internacional exige, evidenciando esses “migrantes bolivianos que em curto espaço de tempo, tem que aprender um novo idioma trabalhar com câmbio de pelo menos três moedas e conviver com pessoas distintas origens”²⁷.

²⁵ SOUCHAULD, S. *Algumas considerações sobre a migração internacional transfronteiriça a partir do caso da migração boliviana em Corumbá, MS*, Op. Cit.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ CAMPOS, D. L. *Globalização e Fronteira: um estudo de caso sobre a Brasbol em Corumbá, MS*. Dissertação de Mestrado em Estudos Fronteiriços, Campus do Pantanal, UFMS, 2011.

Após a realização de reconhecimentos de características que apontam semelhanças e distinções de bolivianos nessa região de fronteira, pautaremos nossos estudos sobre um conjunto de elementos que constituem o local de saída dos migrantes bolivianos de origem Kamba, provenientes da Chiquitania, mais precisamente da cidade de San Jose de Chiquitos. Nossa intenção é de colaborar para o entendimento de suas formas de sociabilização, de suas relações de trabalho e práticas religiosas, incluindo as permanências e renúncias de traços culturais originais.

3. Chiquitania e Fronteira

O Grupo de Pesquisa **Laboratório de Estudos Fronteiriços**, um dos que compõem o Mestrado em Estudos Fronteiriços CPAN/UFMS, vem realizando incursões em diversas localidades da Bolívia, com o objetivo de conhecer suas realidades, para melhor interpretar a fronteira em estudo. Partimos do pressuposto que não devemos estudar as fronteiras a partir de observações unilaterais. Dentre as visitadas, destacamos as seguintes cidades e povoados: El Carmen, Motacusito, Roboré e San José de Chiquitos, localidades importantes no fluxo migratório de chiquitano para aquela fronteira.

A Chiquitania é uma extensa área localizada no Departamento de Santa Cruz, e que envolve suas províncias de German Busch, Angel Sandoval, Ñuflo de Chaves, Velasco e Chiquitos e que tem população aproximada de 260.000 habitantes, segundo INE, sendo 40.000 nativos chiquitanos²⁸. Em sua história, notadamente a partir do século XVIII, a presença jesuítica foi determinante para a formação do que hoje temos. Porém, a partir do final do século XX e início do XXI, parte da região foi inserida na dinâmica do comércio internacional. E, nestes aspectos, San Jose de Chiquitos, local de origem de migrantes que estamos abordando, convive amplamente com um passado que não passou e um futuro que começou a se instalar.

Os trabalhadores e comerciantes bolivianos de origem chiquitana possuem diversas peculiaridades em comparação aos de outras origens que residem naquela fronteira. Uma delas está relacionada às atividades desempenhadas no comércio local, como foi factível observar em San Jose de Chiquitos, nas incursões que realizamos nos meses de fevereiro a maio de 2011. Não nos parece sem propósito a existência da Feira 15 de Agosto, localizada cerca de duzentos metros da estação ferroviária, que ainda é mais utilizada que a rodoviária.

²⁸ SOUZA, A. L. M. *A História dos Chiquitanos: (re) configurações sociais e territoriais*. Op. cit., p. 20-26.

Pudemos verificar que há traços marcantes da inserção da Bolívia no mercado internacional, já mencionada. Como quando realizamos abordagens junto aos comerciantes e trabalhadores:

[...] nos foi informado que os consumidores dessa feira são, aproximadamente, 60% bolivianos e 40% brasileiros que buscam esses produtos inclusive para revender no Brasil, pois os preços praticados na referida feira são menores que na cidades de Puerto Quijarro e de Corumbá. Porém, a procura é pontual e turística, uma vez que pelo porte da cidade e daquele espaço comercial, além dos preços de seus produtos, San Jose de Chiquitos não consegue competir com Santa Cruz de La Sierra, embora devamos notar que os preços continuam muito abaixo dos praticados pelo comércio formal em Corumbá.²⁹

Conforme apuramos nas abordagens, essa Feira existe há cerca de seis anos, o que demonstra um claro caminho de mercadorias em direção a fronteira em estudo. Embora as práticas comerciais naquele lugar não estiveram acessíveis a todos que daquela cidade migraram para a fronteira, ainda assim, a sua existência, incluindo todos os seus desdobramentos faz parte de um conjunto pedagógico da vida internacionalizada e fronteiriça.

Outra é a existência de graus de complexidades religiosas e políticas a que estão submetidos os habitantes daquela cidade. A força da presença católica não se limitou à ocupação dos Jesuítas, sendo muito visível até a atualidade. Exemplo disso é a criação do Vicariato Apostólico de Chiquitos, pelo Papa Pio XI, e que vigorou de 1930 a 1975, que cumpria todas as funções administrativas típicas do estado, como: construção de pontes, estradas, hospitais, planos de alfabetização, capacitação profissional, etc.³⁰. Não podemos desconsiderar as raízes missionárias neste fenômeno, uma vez que a Chiquitania, durante um largo processo foi palco da dualidade dominadora: espanhola e jesuítica³¹. Desse processo resultou a concentração de terras cuja proprietária é a Igreja Católica³², embora este não seja um tema diretamente ligado aos nossos estudos atuais.

²⁹ *Ibidem*, p. 26-27.

³⁰ JUSTINIANO, Oscar T. *Reseña Histórica, Social y Económica de La Chiquitania*, Op. Cit., p. 280-288.

³¹ *Ibidem*.

³² SILVA, G. J. *A Presença Camba-Chiquitano na Fronteira BRASIL-BOLÍVIA (1938-1987): identidades, migrações e práticas culturais*, Op. Cit., 140-147.

Em março de 2010 e em abril de 2011, durante as respectivas Semanas Santas em San José de Chiquitos, pudemos observar o poder que a Igreja Católica ainda possui sobre seus habitantes. Em ambas ocasiões, no Domingo de Ramos, que inaugura a Semana Santa, durante a homília, o pároco decretou a proibição de venda e consumo de bebidas alcoólicas na cidade, durante todo esse período. O interessante foi verificar que a polícia da localidade passou a fazer rondas na cidade para fiscalizar se a ordem do líder religioso estava sendo obedecida, bem como grande parte da população se incumbiu desta tarefa também.

Em outra oportunidade, na estação ferroviária da cidade, conhecemos um homem que se denominou como 'brujo', ou um sacerdote de uma religião que ele não quis nomear. Em sua fala, explicou que ele se denomina dessa forma por sua origem xamã, e que sua rotina é visitar famílias para tomar conhecimento de problemas e ajudar a resolvê-los. Ao acompanhá-lo em uma dessas visitas, pudemos notar o sincretismo religioso que está instalado nas residências. No interior das casas, figuras e imagens denunciavam a existência de devoção a ambas as religiões: a Católica e a de origem indígena, sendo esta com fortes características xamânicas. Disse o 'brujo' que ele não obedece à ordem de não consumir bebidas alcoólicas, e que isso só é permitido devido ao seu status, e o consumo de bebidas alcoólicas faz parte de seu ritual. Informou, ainda, que quando algum cidadão é flagrado desobedecendo a ordem do vigário, o mesmo é detido na delegacia de polícia local. Ao menos neste sentido, a ordem da cidade parece ser a ordem da paróquia.

Notável nessa cidade, também, a ausência, quase completa, de jovens chiquitanos na idade de 18 a 35 anos. Quando perguntado sobre a razão disso, o padre de San Jose de Chiquitos informou que as pessoas nessas idades migram em busca de melhores condições de vida, principalmente em direção a Santa Cruz de La Sierra e à fronteira que estamos estudando. Em Puerto Quijarro conseguimos encontrar jovens oriundos de San José de Chiquitos, que nos disseram manter poucos contatos religiosos e intensos contatos familiares, e que visitam a cidade de origem uma ou duas vezes por ano. Em sua cidade natal pudemos conversar com autoridades católicas e observamos que os jovens buscam conselhos e contatos com a cidade de destino, através do que parece ser uma espécie de rede de acolhimento ao migrante.

Em Puerto Quijarro também encontramos dois 'brujos' que se deslocam daquela cidade em direção à fronteira para atender famílias que lá estão vivendo. Um dos 'brujos' nos disse que suas viagens tem se tornado cada vez mais escassas devido ao fato do pouco interesse dos chiquitanos em manter suas raízes na fronteira. Ele mencionou como razão para isso dois fatores: as influências brasileiras e a maciça presença de templos de igrejas

evangélicas naquela cidade. Trata-se de uma hipótese bastante contundente, que merece ser mais bem averiguada.

Sabemos que o migrante em geral busca construir possibilidades de inserção na sociedade que o acolhe, processo, comumente, chamado por estratégia de sobrevivência. A literatura especializada apresenta diversos exemplos que nos permitiram elaborar paralelos comparativos como a experiência de pesquisa com sírios e libaneses em Mato Grosso. Neste movimento migratório foi possível notar todo o esforço de uma comunidade de imigrantes em se instalar, ser aceita e reproduzir os caminhos daqueles que deram certo no local de destino, em especial os fazendeiros do sul de Mato Grosso ainda unificado, seus principais parâmetros. Iniciaram suas atividades como mascates, depois ascenderam para a categoria de lojistas, casaram-se, em sua imensa maioria, com brasileiras de classes médias, formaram seus filhos, preferencialmente, advogados e médicos, e parte significativa inseriu-se na vida política institucional³³.

Está evidenciado que com os bolivianos esse processo está ocorrendo de forma diferente, e este é um aspecto importante deste estudo. Embora eles também tenham experimentado a prática da mascatagem e a conseqüente abertura de lojas comerciais, sua inserção na sociedade fronteiriça ocorre de maneira diferenciada, ou seja, pelas camadas inferiores da sociedade, conforme levantamentos cartoriais e residenciais que estamos efetuando. Em outras palavras, os corumbaenses mais pobres são mais abertos à união familiar com bolivianos do que os demais. Porém, outros elementos, também, nos são muito relevantes, especialmente ligados à antecedência da construção da estratégia de sobrevivência. Ou seja, partindo de um pressuposto no qual o sentido religioso que formou os migrantes chiquitanos pode ser um dos principais componentes formadores da vivência naquela fronteira, uma vez que a obediência às ordens eclesiais delimita a ação do sujeito que vive na fronteira, buscaremos avaliar as perspectivas que os acompanha no processo de inserção e de acomodação na sociedade que os acolhe.

4. Vidas refeitas.

Dos bolivianos Kamba de origem chiquitana que estamos abordando, e que vivem em Puerto Quijarro, alguns conseguimos ter acesso. Interessou-nos, neste estudo, particularmente, o que estão atuando no comércio internacionalizado, seja como

³³ OLIVEIRA, M. A. M. **O mais importante era a raça: Sírios e Libaneses na política em Campo Grande, MS**, Op. Cit.

proprietários, seja como trabalhadores. Escolhemos a Feira 12 de Outubro como local de observações e entrevistas, por estar mais inserida naquilo que pretendemos averiguar nessa região de fronteira. Mesmo reconhecendo a existência naquela cidade do shopping Zona Franca Puerto Aguirre, aquela Feira, neste estudo, nos interessa mais, por ali encontrarmos proprietários e trabalhadores, enquanto que no shopping, predominam trabalhadores.

Essa Feira era composta de apenas uma associação de comerciantes, porém, como forma de resolver conflitos de interesses, ocorreu a cisão que levou à criação de mais uma associação, a 10 de Janeiro, permanecendo a original, homônima à Feira. Interessante foi observar que ambas associações são dirigidas pelo mesmo Presidente, e que a elas é dada autonomia para deliberar seus projetos, seus interesses políticos, e demandas pontuais. Esse dirigente possui mandato de um ano, sem reeleição, tal rotatividade implica em participações no comando de um número bastante expressivo de comerciantes, independente de qual associação faça parte.

Essa ordem do comércio, na qual a mercadoria é o objeto central, altera, profundamente, a estrutura do ser migrante. Mas, tal impacto não se restringe a esse sujeito, uma vez que a aceleração das práticas comerciais naquela localidade, tem imposto uma sequência de alterações de toda a vida urbana. Exemplo disso está na quantidade de obras de construção civil no entorno à Feira. Em levantamento que realizamos nos meses de fevereiro e março de 2015, constatamos que num perímetro envolvendo sete quarteirões e mais duas faces de quadra haviam oitenta e duas obras com as mais variadas finalidades: hotéis, bancos, lojas comerciais e residências. Talvez celebrando Max Webber, as únicas instalações religiosas nesse entorno são de igrejas evangélicas. Os templos católicos estão mais distantes da Feira e daquilo que a orbita, a razão para isso está na funcionalidade recente que aquele lugar adquiriu. Como, o eixo central de Puerto Quijarro fora a estação ferroviária, até meados dos anos 1980, o deslocamento desse eixo para a ligação limítrofe terrestre com o Brasil, tal espaço, ainda considerado à época como periférico, fora sendo ocupado pelas igrejas evangélicas.

O distanciamento físico das práticas e ordens religiosas do local de origem produziu algo a mais na vivência do migrante chiquitano. Como as lojas comerciais estão muito próximas, levando-os, em muitos casos, a trabalharem ao lado de Collas, essa proximidade física com os migrantes de origem Colla, imperceptível por eles no local de origem, trouxe como novidade a necessidade de criar espaços compartilhados apenas entre os que se identificam como Kamba. Pudemos observar isso em festa realizada no dia 24 de setembro de 2011, em homenagem a Santa Cruz, em que diversos dos presentes

afirmavam ser aquela “uma festa para Kamba”, e visível era a ausência de Collas sendo visível a ausência de Colla. Em contrapartida, há grupos que encenam a *Morenada*, espetáculo de origem Colla, no qual demonstram a perversidade que os espanhóis praticavam com os escravizados, e que não possui nenhum integrante de origem Kamba.

Constatamos que a imensa maioria dos migrantes permanece com suas convicções religiosas de origem, ou seja, católicos. Mesmo com a distancia do local de partida, os laços permanecem, contudo, mais frouxos. Datas com fortes apelos religiosos ganham novas conotações, como, por exemplo, a Semana Santa, que em San Jose de Chiquitos tem todas as características já mencionadas, em Puerto Quijarro não há impedimentos como aqueles. A juventude não evidencia interesses em resgatar as práticas daquela cidade, por diversos motivos, entre eles, que o comércio não tenha seus circuitos interrompidos. O Natal e o dia das Mães também estão sujeitos a severas acomodações da nova realidade, uma vez que viajar e visitar a família nessas datas implicaria na suspensão das atividades comerciais, em datas tão importantes para o sentido de família católica. Fé no comércio, sendo uma ordem que inverte o que ocorria em San Jose de Chiquitos, que era a fé na religião. Tratar-se-ia de uma libertação e uma nova ordem instaurada na vivencia de chiquitanos? Eles, antes dominados pela religiosidade, agora sucumbidos pela mercadoria. Perguntado a um comerciante, de origem Kamba e chiquitana, se ele obedeceria ordem do padre de não consumir e vender bebidas alcoólicas durante a Semana Santa, ele explodiu uma sonora gargalhada e disse “no, claro que no”.

Considerações finais

Em ambas as oportunidades em que estivemos em San Jose de Chiquitos, durante as Semanas Santas, pudemos assistir procissões realizadas nas quintas-feiras. Apesar de não ter um trajeto dos mais longos, é bastante demorada. O pároco à frente, o andor e a imagem de Jesus Cristo, os sacristãos, e os fieis em sequência. Dava-nos a sensação de que a cidade inteira estava envolvida naquele percurso e naquele ritual. Ou seja, quem não estava seguindo a procissão, caminhando, a seguia nas calçadas. As pessoas, independentemente de suas atividades cotidianas, encontravam-se em estado de profunda comoção. Um momento de diluição perante os outros, e, ao mesmo tempo, diluição compartilhada com todos os outros, não tendo mais nomes, endereços, restando-lhes a insignificância perante o instante. As pessoas, ali, estavam envergonhadas

de serem pessoas, emocionadas diante da imagem do Salvador. A salvação de cada um deles está inscrita na renúncia.

Na Feira 12 de outubro, magia semelhante foi observada. Nas lojas, ou Box como alguns preferem, há uma intrigante disposição dos comerciantes e trabalhadores, que impõe algumas reservas. As mercadorias e os manequins ocupam lugar tão destacado que essas pessoas que estão a serviço das mercadorias e manequins desaparecem, somem no meio das coisas, enxergam os compradores por meio de pequenas brechas na disposição dos produtos. Não falam nada além do estritamente necessário sobre sua prática comercial. Não se manifestam sobre o tempo climático, nem sobre o futebol, nem sobre política (algo tão vivo na cultura boliviana), nem sobre seu passado, nem seu presente, sequer seu futuro. Eles e elas estão concentrados. Não podem se esquivar da missão, que alguns chamariam de sobrevivência, mas, que, para eles é de salvação, de redenção, de confirmação da escolha certa e de sustentação de um projeto. As pessoas, ali, orgulhosas de serem pouco vistas, realizadas pela renúncia, incrivelmente absortas diante da nova força. Vidas refeitas, substituições de diluições.